

***THE RAVEN*, DE EDGAR ALLAN POE: UMA LEITURA DE MACHADO DE ASSIS**

Anderson de Souza Andrade¹

Resumo: Neste artigo pretendemos analisar a tradução feita de *The Raven*, de Edgar Allan Poe realizada por Machado de Assis. Tal análise abarcará todo um posicionamento do ato de tradutor realizado na obra, alinhando assim, o papel do mesmo com a criação de uma identidade nacional, e, principalmente mostrando como o conceito de “adaptação” pode ser encontrado durante a leitura do poema em Língua Portuguesa. Como referencial teórico serão utilizados conceitos sobre tradução e adaptação, além de trechos retirados do poema original para o confronto com a Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Machado de Assis; Edgar Allan Poe; Tradução.

Abstract: In this article we intend to analyze the translation made of *The Raven*, by Edgar Allan Poe by Machado de Assis. It will be analyzed a whole positioning of the translator act carried out in the work, thus aligning the role of translator with the creation of a national identity, and mainly showing how the concept of “adaptation” can be found during the reading of the poem in Portuguese Language. As a theoretical reference will be used concepts about translation and adaptation, in addition, excerpts from the original poem for the confrontation with the Portuguese Language.

Keywords: Machado de Assis; Edgar Allan Poe; Translation.

Artigo submetido em: 31/08/2019

Artigo aprovado em: 10/10/2019

¹ Mestrando em Letras (Literatura e Vida Social), pela UNESP/Assis. E-mail: ander2790@yahoo.com.br.

Introdução

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) foi um grande contista, romancista, poeta e crítico literário brasileiro, sempre aclamado por suas obras que têm grande valia em diversos estudos acadêmicos por todo o mundo, porém, um fato pouquíssimo estudado é o papel de Machado de Assis tradutor. Em 1857, com apenas 18 anos, Machado de Assis inicia sua carreira como tradutor de diversas obras para a Língua Portuguesa, o que trouxe para o mesmo um papel fundamental para a expansão de criações internacionais no Brasil. Dentre os escritores mundiais que foram traduzidos por Machado de Assis temos: Alexandre Dumas, Lamartine, La Fontaine, Victor Hugo, Shakespeare, entre outros. Neste trabalho, teremos como predileção ao papel de tradutor da obra do escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849), mais precisamente do poema *The Raven* (1845).

Machado de Assis foi fortemente influenciado pela escrita de Poe, como é possível ao observar em diversos contos com características da literatura fantástica e de mistério. O que cabe, aqui, é observar a forma pela qual o poema do Poe foi transposto para a língua materna de Machado, já que será perceptível verificar como carregada pelo olhar atento do contista brasileiro e permeado de um tom de intensidade que, em alguns momentos, foge a proposta de Poe, colocando o poema perante a conceitos da *adaptação*, a qual está fortemente ligada ao ato da tradução, embora não possamos dizer que são ações sinônimas.

O autor brasileiro que aqui fazemos referência, foi fortemente ligado a literaturas estrangeiras, porém, quando nos é posto seu papel como tradutor, Machado de Assis estabelecerá uma ligação fortemente marcada pelo nacionalismo brasileiro, ou seja, em muitas de suas obras, estão a presença de fatos culturais característicos pertencentes ao Brasil, os quais servirão de modelo para o entendimento da obra traduzida. Embora mantenha-se o foco principal da temática da obra em seu idioma original, é visível que, durante a tradução, perde-se um pouco das referências postas pelos autores estrangeiros, o que pode ser chamado de uma tradução com adaptações necessárias para o público alvo para o qual está destinado aquele texto. No caso do público brasileiro, Machado de Assis fará uma leitura do poema de Poe com alterações tanto em sua estrutura estilística como em seus fundamentos semânticos, como poderão ser observados durante as análises de estrofes durante esse trabalho.

O papel de tradutor de Machado de Assis

A primeira publicação de *The Raven* realizada no Brasil, foi publicada em 1883 em *A Estação: jornal ilustrado para a família*, jornal carioca que circulou durante os anos de 1879-1904, o qual Machado de Assis publicou romances e contos durante sua carreira. O folhetim era consumido em demasia na época, evidentemente, que voltado para elite brasileira, principalmente, para as mulheres, já que, a revista também continha temas diversos, além de romances em folhetins, também tinham publicações de moda e boas maneiras para que o público feminino da época se instruisse das regras de bem viver e conviver em sociedade.

Durante o século XIX, os brasileiros estavam fortemente influenciados pelo estilo do folhetim, e, principalmente, pela cultura francesa que permeava o Brasil, já que, os folhetins eram impressos em Paris e junto traziam todos os costumes, moda e regras de bem viver da França, além do que, essa influência francesa trouxe consigo os escritos de Charles Baudelaire (1821-1867), grande poeta, que apresentou *The Raven*, até então em francês, para Machado de Assis. Baudelaire, também foi tradutor de Poe e a partir da tradução do poeta francês, que Machado de Assis fez sua primeira leitura do poema, mas como veremos mais adiante, embora Machado tenha lido pela primeira vez em francês, sua tradução foi realizada a partir da língua materna de Poe.

Nesta época das publicações em folhetins, a elite brasileira leitora, que era sua minoria, tinha um vínculo muito grande com a França, já que os costumes e a moda eram advindos do luxo de Paris, juntamente com esse acervo de regras de boas maneiras e estilo de vida elitizado moldado para os brasileiros do XIX, a partir da imprensa vieram “[...] a literatura e cultura brasileiras haviam voltado para paradigmas franceses e o fluxo de livros e jornais no idioma francês era bastante considerável dentro da elite, especialmente no Rio de Janeiro, capital do império.” (PHILIPPOV, 2011, p.41), dentro desse parâmetro percebemos a apresentação de Edgar Allan Poe no Brasil, que foi realizada por meio de Baudelaire, já que, a literatura e cultura francesa faziam parte de um rol de formas de pertencer a uma elite letrada e culta. A atração pelo texto em francês realizado por Baudelaire pode ter feito com que Machado de Assis tenha ficado atraído pelo texto, já que, como é de conhecimento literário, Baudelaire tinha em seus escritos esse vínculo com o macabro, o gótico, o sombrio que também permeava a literatura de Poe, e evidentemente, consequentemente alguns

contos de Machado, ou seja, essa relação de intertextualidade entre os países mostra os vínculos da cultura formados a partir da tradução do texto literário.

Quando nos é revelado o poema *The Raven*, traduzido por Machado de Assis, temos o seguinte conceito “[...] de que o escritor brasileiro, através de suas traduções, permitiu que seus compatriotas pudessem ter acesso à produção cultural de países distantes e aos gêneros literários que alimentaram a fome de cultura [...]” (SETTE, 2013, p. 86) o poder da tradução de Machado de Assis fez com que obras de autores estrangeiros fossem apreciadas pelos brasileiros, ou seja, houve uma expansão cultural difundida no Brasil, assim, apresentando autores e obras estrangeiras pelo olhar atento do autor-tradutor. A princípio, somente uma pequena parcela da população brasileira era alfabetizada na época em que as traduções de Machado de Assis ganharam voz nas publicações, porém, menor ainda eram os que conheciam línguas estrangeiras, fazendo assim, um favor cultural de apresentar pensamentos e realidades de outros lugares do globo para seus leitores.

Quando Machado de Assis oferece voz a Edgar Allan Poe no Brasil por meio de *The Raven* temos uma percepção sobre a instrução de Machado no que diz respeito ao domínio de línguas estrangeiras, já que, Poe foi traduzido pelos mais diversos idiomas, ao que diz respeito da compreensão de Machado de Assis nos é visível que “Embora Machado lesse em inglês (foi o primeiro brasileiro a traduzir “O corvo” diretamente do inglês), a crítica machadiana tende a acreditar que Machado tenha lido Poe do francês.” (PHILIPPOV, 2011, p. 41), de fato, Machado compreendia francês e inglês, pois seu contato com a grande obra de Baudelaire também era imensa, ou seja, cabe a nós percebermos que para o uso da tradução do poema em questão, o autor-tradutor se valeu do idioma original, já que, traduzir a partir de uma outra tradução, poderia causar um certo enfraquecimento da obra e perder a magnitude proposta por Poe inicialmente em seu trabalho. Quando colocamos as traduções feitas por Baudelaire, já percebemos certa diferença ao que diz respeito ao original de Poe, além da diferença entre idiomas e culturas, o que fortemente estaria ligada ao conceito de tradução adotado na época para cada país estrangeiro que a obra de Poe visitasse.

Embora seja perceptível que a apresentação de culturas estrangeiras feitas por Machado tenha sido importante para todo um acultramento de um povo, não podemos deixar de notar, que, a tradução para a Língua Portuguesa fazia com que o autor não permitisse, que, embora importante, a

literatura estrangeira fosse vista como primordial, Machado não queria uma dominação da cultura de fora, ou seja, temos aqui o efeito de “Traduzibilidade” aplicado por Benjamin (2008):

Em face de uma tal análise põe-se o problema de saber se a tradução de certas ideias literárias deveria ou não ser fomentada, pois que passaria a ser válida a seguinte proposição: se é que a tradução é uma forma, então a traduzibilidade de determinadas obras é algo que se encontra e localiza na sua própria essência. (BENJAMIN, 2008, p. 27).

O ato de traduzir uma obra literária é ambíguo do ponto de vista de Benjamin, pois, para ele, o tradutor é um recriador, um poeta, o qual perante ao ato de transpor do original para a sua língua materna traz consigo sua essência, e, com isso, a cultura de seu país. Machado de Assis se faz presente nesse conceito apresentado por Benjamin, já que, seu papel de tradutor vai além do que o esperado, seu papel é apresentado como um recriador da obra de Poe, fazendo assim uma leitura modificada do poema, revelando seu papel de poeta. Somente uma leitura artística e relevante se mostra aparente com a tradução de uma literatura estrangeira, já que, esse ato de recriar é advindo para o texto não perder seu sentido, mas sim, seja moldado para um público leitor de uma outra realidade cultural e artística.

O papel vital na arte de traduzir pode ser definido como algo a ser lembrado em diversas camadas dos estudos sociais e da literatura, o tradutor-recriador, traz consigo marcas de sua escrita e deixa evidente como isso é fomentado quando posto no papel. Essa “[...] finalidade da tradução expressar a relação mais íntima das línguas.” (BENJAMIN, 2008, p.29) mostra que o idioma é parte integrante de uma criação literária, ou seja, a relação do tradutor com sua língua materna faz com que o entendimento na transposição entre idiomas seja inteligível e aplicável nas traduções das línguas estrangeiras. Essa relação de intimidade nos oferece um parâmetro de pensamentos sobre de que forma será recebida aquela obra para o público da língua materna, no caso de Machado de Assis, o poema *The Raven*, torna-se nos moldes dos escritos literários brasileiros do século XIX, revelando assim, todo o olhar atento do poeta grande contista brasileiro, aqui, atuando como tradutor.

Essa associação entre tradução e produção artística fica evidente quando Benjamin nos diz que “[...] o tradutor de importância é por necessidade um grande poeta [...] (BENJAMIN, 2008, p.35), ou seja, o ato tradução vai muito além daquele mecanismo utilizado através de dicionários ou *internet*, mas sim, ao tratarmos de uma obra literária o papel que é difundido perante o tradutor é

uma verdadeira manifestação artística, principalmente, quando se trata de um poema, como é o caso do *corpus* dessa análise, em que, um grande poeta é traduzido por um outro grande poeta. A experiência de Machado leitor de Edgar Allan Poe foi essencial para, em termos de técnica, manter alguns aspectos vivos do poema, ou seja, é necessário esse diálogo entre obras, pois só há a capacidade de traduzir aquele que é bem entendido pelo tradutor, ou melhor, aquele no qual o tradutor sente certa afinidade com a escrita.

O corvo num país tropical

A literatura de Edgar Allan Poe foi muito bem recebida em diversos países, porém não podemos deixar de relatar os grandes nomes que foram responsáveis pelas traduções das obras do autor norte-americano em todo o mundo, como é o caso das traduções feitas no Francês, por Baudelaire, para o Espanhol, por Cortázar, em Russo, por Dostoievski e, finalmente, na Língua Portuguesa por Machado de Assis, no caso do poema *The Raven* e dos contos, por Clarice Lispector, sem esquecermos da tradução feita em Portugal, por Fernando Pessoa. Um grande cânone literário ficou responsável pela tradução e propagação da obra de Poe pelo mundo e cada registro tradutório teve sua importância em cada idioma.

Cabe-nos mostrar aqui de que forma a tradução feita por Machado de Assis do poema de Poe trouxe algumas alterações de seu original e de que forma isso pode ser evidenciado nessa análise comparativa. Já que ao se referir a tradução feita por Machado temos, esse conceito foi oferecido por Bellei (1992):

A realização de tal tarefa daria conta apenas de parte de seu projeto literário tornando-o um homem do seu país. Machado vai além e traduz também para ser um homem de seu tempo, vale dizer, suas traduções implicam a distorção e adaptações de textos estrangeiros de forma a transformar o estranho tornando-o parte integrada de um contexto alternativo. (BELLEI, 1992, p. 169).

De acordo com o excerto acima, podemos observar que houve, durante a tradução do poema uma adaptação do original, algo que é comum na tradução de um texto literário, para Machado não foi diferente, esse engajamento perante ao que foi traduzido traz consigo uma grande carga de simbologia e da essência do tradutor, principalmente, quando nos deparamos com um tradutor que também é um grande poeta. Neste caso, fica evidente o trabalho de que foi dado a essa tarefa, para

Machado de Assis, em seu percurso para se tornar alguém socialmente aceito no meio em que vivia, fazia esses trabalhos paralelos para tornar-se conhecido.

Bellei destaca em seu ensaio *O Corvo Tropical de Edgar Allan Poe* (1992) como podem ser analisadas algumas estrofes do poema, para tal ação, ele cita que Machado fez uma “‘Apropriação’, e não ‘tradução’ é o termo que melhor explica um poema como ‘O Corvo’ [...]” (BELLEI, 1992, p.156), para compor essa análise ele cita a tradução realizada pelo poeta Português Fernando Pessoa, que diferente de Machado de Assis, realizou uma tradução aos moldes mais tradicionais, levando, com isso, o conceito de traduzir ao máximo, deixando permanecer a fidelidade com o original em Inglês, o que já não pode ser visto na tradução do autor brasileiro.

Para ficar evidente esta análise, será necessário explicar algumas estrofes do poema para fazermos o confronto:

Texto original em Inglês	Tradução de Machado de Assis
<p>Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary, Over many a quaint and curious volume of forgotten lore— While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping, As of some one gently rapping, rapping at my chamber door. 'T is some visitor," I muttered, "tapping at my chamber door— Only this and nothing more." (POE, 2017, p. 354)</p>	<p>Em certo dia, à hora, à hora Da meia-noite que apavora, Eu, caindo de sono e exausto de fadiga, Ao pé de muita lauda antiga, De uma velha doutrina, agora morta, Ia pensando, quando ouvi à porta Do meu quarto um soar devagarinho, E disse estas palavras tais: "É alguém que me bate à porta de mansinho; Há de ser isso e nada mais." (POE, 2017, p. 359)</p>

Para a análise começaremos com a primeira estrofe do poema, em que, já apresentam diferenças contrastantes do original, pois é perceptível ao leitor observar alterações feitas na quantidade de versos, enquanto o original têm 6 versos, a tradução de Machado de Assis têm 10, o que mostra ao leitor que “O resultado é que na versão de Machado o ritmo lento e suave do original é alterado para um movimento mais rápido e mais carregado de tensão.” (BELLEI, 1992, p.157). O que diz respeito dessa “tensão” causada na tradução de Machado, faz-se lembrar que, embora o animal que dá título à obra seja carregado de simbologias de mau agouro e presságios do mal, o

poema em seu original, oferece uma maior visibilidade a paixão do eu-lírico, nomeada no poema, como Lenora, ao que cabe na tradução de Machado, esse ritmo mais acelerado e tenso na leitura do poema, colocaria o leitor a par de um ambiente mais sombrio e conflitante perante algum devaneio com a chegada da ave agourenta.

Quanto a tradução dos termos utilizados temos: “*while I pondered, weak and weary*”, que seria traduzido como: “enquanto eu pensava, fraco e cansado”, Machado coloca em sua tradução: “Eu, caindo de sono e exausto de fadiga”, somente nesse verso percebe-se que há uma diferença relevante no sentido das palavras utilizadas, primeiramente, o uso do pronome em primeira pessoa é colocado no início do verso e o verbo *to ponder*, que expressaria a ideia de “pensar”, “ajuizar”, é trocado pela expressão “caindo de sono”, o que muda o sentido do verso, não oferecendo aquela ideia de um eu-lírico atento ou então reflexivo, para o eu-lírico em grande abatimento. Ideia inversa com essa tradução não deixa evidente um eu-lírico, como diz no texto em língua inglesa, que estaria fazendo suas reflexões acerca de sua amada, mas sim, um sentimento simplesmente de cansaço perante os atropelos da vida. O verbo “pensar” aparecerá no sexto verso da tradução, com uso de gerúndio, também difundindo a expectativa do leitor, já que, o verso em inglês aparece no passado simples, marcado pela presença de “*ed*”.

Marca também importante na tradução desta estrofe, está no penúltimo verso, quando o poeta abre aspas para relatar sua reflexão que nos diz: “*T is some visitor*”, traduzindo de forma literal seria: “É algum visitante” e para Machado: “É alguém que me bate à porta de mansinho”, como podemos observar, esse verso está em total desacordo com o original, pois há um acréscimo de palavras modificando o sentido que seria expresso por Poe, além de, mais uma vez, aparentar as marcas da escrita pessoal de Machado de Assis.

Para continuarmos nossa análise, será necessária a explanação da décima sexta estrofe do poema e a partir dela apresentarmos conceitos interessantes na tradução de Machado:

Texto original em inglês	Tradução de Machado de Assis
<p>Prophet!” said I, “thing of evil!—prophet still, if bird or devil! By that Heaven that bends above us—by that God we both adore— Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn, shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore— Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore.” Quoth the Raven “Nevermore.” (POE, 2017 p. 357)</p>	<p>“Profeta, ou o que quer que sejas! Ave ou demônio que negrejas! Profeta sempre, escuta, atende, escuta, atende! Por esse céu que além se estende, Pelo Deus que ambos adoramos, fala, Dize a esta alma se é dado inda escutá-la No éden celeste a virgem que ela chora Nestes retiros sepulcrais, Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora!” E o corvo disse: "Nunca mais." (POE, 2017, p. 364)</p>

Nesta outra estrofe, percebemos algumas alterações na tradução do original, realizadas por Machado de Assis, o primeiro verso é composto por “*Prophet!*” said I, “*thing of evil!*” ao traduzirmos para a língua portuguesa ficaria como “Profeta! Eu disse, coisa do mal”, quando nos deparamos com a adaptação do contista brasileiro temos “Profeta, ou o que quer que sejas!” neste momento, presenciamos de algumas alterações tanto de tradução como de semântica, como por exemplo, houve uma supressão no que diz respeito ao uso da primeira pessoa do singular utilizada no original ao dirigir-se à ave assombrada “*said I*”, além do que, a retirada do modo depreciativo utilizado para se remeter a ela “coisa do mal”. Machado, mais uma vez, faz a inversão de sentidos para contextualizar sua produção de tradutor, já que, situamos com importante a presença do eu-lírico em um poema de grande magnitude como esse, o tradutor retira esses termos do primeiro verso e utiliza outras palavras que se referem a ave como se não soubesse exatamente do que estava falando “ou o que quer se sejas”, para Poe uma certeza, para Machado, uma dúvida perante o ser que lhe é apresentado.

No nono verso, temos a alusão a musa inspiradora do eu-lírico, Lenore, o que gera um certo estranhamento no que diz respeito a tradução, pois nesse quesito temos suposição que é errôneo traduzir nomes próprios seja para que idioma for, pois nome é algo imutável que não oferece

diferença entre fronteiras linguísticas, já que, faz parte do uso cotidiano e pessoal do ser humano. No entanto, neste verso, percebemos a tradução de “Lenore” para “Lenora”, ainda que seja uma tradução com uma mudança pouco significativa temos que nos ater aos motivos que levaram Machado de Assis para realizar esse feito. Para tal ato, supomos, que Machado tenha pensado, principalmente, em questões de adaptação para que a leitura fosse realizada em português, o que, para leitores que não dominassem a língua inglesa a pronúncia no original traria consigo um certo incômodo ao fazer a leitura, além do que, para a estilística e trazer uma certa musicalidade ao poema essa transformação acabou sendo necessária.

Ao que diz respeito ao papel da amada visto no poema de Poe, podemos perceber que há uma divergência quando se trata do corvo machadiano, já que, o foco principal que seria dado a Lenora e o sofrimento do eu-lírico, acaba por sendo ofuscado pelo poeta em sua perturbação com a presença da ave, que, na tradução de Machado, apresenta transtornos para o amante enclausurado no escritório:

Para Machado, o corvo não é uma ave irracional, a repetir suposta e mecanicamente uma palavra de desespero diante de um poeta que chora suas mágoas de amor, mas antes é algo misterioso, estranho, cuja mensagem se constitui num enigma para um homem emocionalmente perturbado. Enquanto Poe, representante derradeiro do romantismo norte-americano, escreve um amante desesperado, que se utiliza emblematicamente do corvo para evocar a imagem da lembrança imorredoura da amada. (CUNHA, 1998, p. 73-74).

O ato de recriador realizado por Machado em sua tradução, revela uma mudança o que diz respeito a presença da ave no poema, já que, o cunho místico advindo de credices populares e tradições faz que com o corvo seja uma ave agourenta e cheia de simbologia que poderia trazer má sorte. A ligação existente entre o vínculo do eu-lírico apaixonado com Lenora, sua musa, pode ser associado a entrada da ave na história, pois perante a formação de importância, dada por Machado, é possível notar certa ordem de fatos que poderiam ser resultantes de uma consequência na presença da ave. Cunha (1998), em seu estudo, pode nos mostrar que ao Machado vincular mais a presença do corvo macabro do que apresentar um texto pertencente ao romantismo, fez com que, o papel de tradutor do escritor brasileiro fosse além, mostra-se, a partir da tradução, um ser incumbido de apresentar a sociedade uma recriação do original, tornando o poema original aos olhos do brasileiros, que, naquele momento, estavam na busca de certa originalidade do país.

Podemos perceber também que nas duas línguas, tanto no original em inglês, quanto na tradução para a língua portuguesa, temos a percepção de um eu-lírico cheio de transtornos e problemas emocionais criados pela solidão e suposto abandono de sua musa inspiradora, que ao se trancafiar em um escritório, delira sobre o seu amor perdido. Porém ao remetermos a essas estrofes acima citadas cabe-nos lembrar das mudanças pertencentes a tradução de Machado, já que, o vínculo criado para tratar da mesma história, mostra ao leitor bilíngue uma diferença no tratar do encontro com o corvo, já que, a partir desse fato faz uma ligação de causa e consequência entre os mesmos. Ao relembarmos os dois poemas, fica ao leitor a dúvida, se realmente a ave teria alguma responsabilidade com as melancolias sofridas pelo eu-lírico no momento de seu delírio.

Podemos observar que, como já foi citado, para Machado de Assis era de extrema importância que o vínculo com a literatura nacional fosse estabelecido, pois esse também se configura como uma tarefa da tradução em seu trabalho, tal deslocamento de sentido, em alguns momentos do poema, para que, ficasse mais próximo do público leitor brasileiro:

[...] Machado tenta em sua tradução oferecer uma alternativa distorcida do original. Por quê? Uma resposta possível aponta para o projeto que tinha Machado para uma construção de uma literatura nacional. Como lembrou recentemente Mário Curvello, Machado sentiu desde muito cedo em sua carreira como escritor a condição problemática do escritor tentando produzir, na periferia do mundo civilizado, uma literatura situada em um contexto internacional e dotada de originalidade. (BELLEI, 1992, p.167).

De acordo com Bellei, acordamos para o fato de que essa aproximação, ou mesmo, segundo o autor, “distorção” do texto para o nacional, Machado estava engajado em seu projeto de nacionalidade da literatura brasileira, ou seja, quando nos é posto a adaptação do poema de Poe, para Machado, a aceitação do público não seria conveniente, já que, tratava-se de uma obra com estilo e temática estrangeira.

Ao apresentarmos essas concepções de que são propostas as traduções realizadas por Machado de Assis e toda a sua necessidade a qual sua literatura fosse algo que mostrasse a relevância nacional, principalmente ao que diz respeito de seu intuito inovador como escritor de folhetim e tradutor, podemos observar com atenção que as transformações realizadas pelo autor em seu trabalho de tradução em *The Raven* partem de um princípio inovador pertencente ao estilo próprio do autor, já que, ao remetermos as traduções para língua portuguesa também temos a

realizada pelo poeta português Fernando Pessoa, que é relevante apresentar, também fez uma tradução do poema de Poe, porém, a tradução de Pessoa se aproximou mais as ideias do poeta norte-americano, como é possível observar:

Para Fernando Pessoa, portanto, traduzir significa reproduzir em outra língua a ideia e o ritmo do original. No caso das traduções de Poe, além disso, a tradução é apenas um desafio, ou seja, um desafio na técnica de traduzir que permite ao poeta testar sua habilidade verbal na língua materna. Machado, por outro lado, não parece ter nenhuma intenção de reproduzir em português a correspondência de som e sentido que marca o poema de Poe [...]. (BELLEI, 1992, p. 158).

Para Bellei, as diferenças entre a tradução de Machado e Pessoa são evidentes, visto que, o autor brasileiro recriou o poema de Poe ao seu estilo de escrita modificando, inclusive, o sentido proposto por Poe com uma nova forma de ser lido e interpretado, além das modificações métricas já citadas anteriormente. No entanto, Fernando Pessoa acaba levando o ator de traduzir a finco e faz jus ao poema original, aproximando, assim, todo o contexto proposto para a língua portuguesa, evidentemente que, ao nos depararmos com a tradução de Fernando Pessoa, temos que levar em consideração toda a relação da cultura público leitor de Portugal, a qual difere das relações existentes aos do Brasil.

Talvez essas diferenças entre os dois tradutores da língua portuguesa evidenciem a questão proposta, de que, Machado de Assis procurava um instinto de nacionalidade da literatura, ou seja, transpor toda uma cultura e uma literatura de outro país a partir de uma tradução para os leitores brasileiros da época demandava uma originalidade e um certo distanciamento, relevante da cultura americana, que no poema de Poe fica evidente em traços típicos da escrita. Uma vez que Portugal já tinha uma literatura de formação engajada em aspectos próprios e locais, já era um país com uma nacionalidade marcada dentro do âmbito literatura, o que difere do Brasil e do pensamento de Machado de Assis, que resgata conceitos nacionais para apresentar a obra de Poe.

Bellei, ainda, nos retrata que Machado teve suas intenções sobre a produção da tradução do poema de Poe que:

Machado, por outro lado, não parece ter nenhuma intenção de reproduzir em português a correspondência de som e sentido que marca o poema de Poe ou de traduzir para exercitar sua perícia como tradutor. Na verdade, a julgar pelo texto traduzido, a intenção parece ser a de evitar correspondências mais exatas. (BELLEI, 1992, p. 158)

Muitas são as possibilidades de entendimento das direções tomadas por Machado de Assis para estruturar o poema em sua tradução, um fato, que podemos supor é de que o tradutor não teve o propósito de apenas reproduzir o texto original, mas sim, de recriá-lo para um contexto, em que, os brasileiros estivessem mais adaptados para a sua leitura. A exatidão que permeia o trabalho de muitos tradutores não é mostrada no trabalho de Machado, já que, o ato de apenas reproduzir, talvez, fugisse dos propósitos que eram esperados para a grande revolução literária que acontecia na época, principalmente, por conta, da dominação da cultura europeia, a qual, ainda permeava o Brasil, então, esse instinto de nacionalidade adotado por Machado de Assis, acabou mostrando ao leitor um Edgar Allan Poe visto pelos olhos de um escritor nacional, evidente que, adaptando a escrita e toda a métrica da qual era constituído seu poema.

Levando essas informações em consideração, podemos ainda, explanar mais uma estrofe do poema para nossa análise:

Texto original em Inglês	Tradução de Machado de Assis
<p>And the Raven, never flitting, still is sitting, <i>still</i> is sitting On the pallid bust of Pallas just above my chamber door; And his eyes have all the seeming of a demon's that is dreaming, And the lamp-light o'er him streaming throws his shadow on the floor; And my soul from out that shadow that lies floating on the floor Shall be lifted—nevermore! (POE, 2017, p. 357)</p>	<p>O corvo aí fica; ei-lo trepado No branco mármore lavrado Da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho. Parece, ao ver-lhe o duro cenho, Um demônio sonhando. A luz caída Do lampião sobre a ave aborrecida No chão espria a triste sombra; e, fora Daquelas linhas funerais Que flutuam no chão, a minha alma que chora Não sai mais, nunca, nunca mais! (POE, 2017, p. 365)</p>

A estrofe acima retratada é a última do poema, e ainda, podemos perceber adversidades na escrita tradutória de Machado de Assis, que supostamente, teria marcado diferenças com o original em inglês. Primeiramente, podemos perceber no primeiro verso há a presença do verso “*never*

flitting, still is sitting, still is sitting”, que com sua tradução para a língua portuguesa seria “nunca voando, ainda está sentado, ainda está sentado”, assim, fazendo referência a ave no escritório do eu-lírico, observando-o em tom de reprova ou de aviso. Quando nos é colocada a tradução de Machado de Assis, há novamente, um acréscimo de sentido perante a ave relatada no que diz respeito ao seu posicionamento perante a cena, que em sua tradução se torna “ei-lo trepado no branco mármore lavrado” mais uma vez a versão do escritor brasileiro transforma os versos de Poe, no caso de “mármore”, possivelmente, seja uma referência ao busto de Palas em que o corvo pousou, porém, a referência a estátua da deusa grega só é revelada nos versos abaixo, em que Poe usa a palavra “*pallid*” em português “pálido” referência usada pela cor do mármore, não descrito no poema em inglês.

O oitavo verso, na tradução de Machado de Assis, diz “Daquelas linhas funerais”, verso esse que não existe no original, dentro dessa perspectiva vemos um tradutor que, como já citado anteriormente, supostamente, teve a intenção de tornar o poema com uma carga simbólica extremamente voltada para o campo do macabro, do terror e da escuridão, já que, ao citar a palavra “funerais”, na qual não estava presente no poema de Poe, o tradutor, talvez teve a intenção de sugerir um ambiente hostil e de morte para o eu-lírico que encarava a ave de cor negra em seu escritório, dentro desse contexto, podemos voltar a toda uma cultura em que certos animais podem trazer má sorte ou presságios de morte para a casa que visitar, embora o corvo não seja um animal tipicamente conhecido e visto no Brasil, Machado de Assis, utilizando as ferramentas de contexto americano sugerido por Poe em seu poema, transporta para o público brasileiro leitor não mais um poema com o foco no amor como era visto no original, mas sim, uma escrita que revela um possível drástico destino para o eu-lírico que sofre por sua amada, relatando que cada linha seria seu funeral, trazendo assim, a ideia de uma agonia permanente ao escrever e relatar sua vida e seu amor por meio da escrita de um poema, que até então, teria a intenção de fazer um resgate de um amor inalcançável. Toda a morbidez que já era traço característico da escrita do poeta norte-americano se intensificou com a tradução do autor brasileiro, já que, esse acréscimo de sentido faz com que o poema se torne mais mórbido que que previsto anteriormente.

Conclusão

A intenção desse trabalho foi, principalmente, analisar os aspectos teóricos e semânticos realizados pela tradução de Machado de Assis feita do poema *The Raven*, de Edgar Allan Poe. Por meio dos cotejos apresentados, foi possível perceber uma evidente e transparente transformação do poema, alterando e acrescentando partes importantes para a constituição da obra, pois para o público brasileiro que não conhecia o inglês, Machado teve um papel fundamental no que diz respeito ao contexto utilizado por sua tradução.

É evidente que esse trabalho com cotejo e análise das obras é muito conciso para a dimensão da escrita na qual fazemos referência, tendo em vista que, estamos tratando de grandes cânones literários conhecidos no mundo todo, deste modo, a pequena parcela aqui apresentada faz justo a mostrar um “corvo” tipicamente brasileiro realizado aos moldes de Machado de Assis, em uma época a qual o papel nacional da literatura ainda estava sendo moldado e constituído por meio dos escritos de Machado e de tanto outros escritos de seu tempo, nessa perspectiva, vemos um trabalho ainda pouco estudado nas grandes análises já realizadas sobre Machado de Assis, que é o seu papel de tradutor, papel esse, de grande importância e veiculação para a época, já que foi um grande aprendiz de língua estrangeiras sem ao menos sair de seu país.

Os trabalhos de tradução realizados de obras literárias mostram como são grandes as diferenças nos textos, pois cabe a cada tradutor transpor para sua realidade e de seu país, uma gama cultural advinda de outro, que, oferece uma maior abrangência e expansão de territorial de autores estrangeiros. Cada qual com sua especificidade, apresenta ao público leitor de sua língua materna um universo literário concebido por meio do trabalho do tradutor e que faz a adaptação de grandes obras literárias para todas as regiões do globo.

Referências Bibliográficas

BELLEI, Sergio. O Corvo Tropical de Edgar Allan Poe. In: Malcolm Coulthard. (Org.). *Tradução: Teoria e Prática*. Florianópolis: EDUFSC, 1991, p. 155-170.

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

CUNHA, Patrícia Lessa Flores da. *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*. Porto Alegre: IEL: Editora Unisinos, 1998.

FRENKEL-BARRETTO, Eleonora.. *O original na tradução de Machado de Assis*. Scientia Traductionis, v. 4, p. 1-10, 2007.

PHILIPPOV, Renata. *Edgar Allan Poe e Machado de Assis: Intertextualidade e Identidade*, Itinerários, Araraquara, n° 33, p. 39-47, dez/2011.

POE, Edgar Allan. *Medo Clássico*. Trad. Marcia Heloisa. Rio de Janeiro: Dark Side, 2017.

SETTE, Lourdes. *Machado Tradutor de Assis: A construção da identidade de tradutor no século XIX*, Scientia Traductionis, n° 14, p. 84-92, dez/2013.